



DEGREFORE: DATTALO GIORE PERFEZES IN

# BORGGE

DE TWEEN CODE AND REALITY

## INTRODUÇÃO

Borge, um jovem desenvolvedor de software, é conhecido por sua mente criativa e paixão inabalável pela programação. Dedicado a explorar os limites da tecnologia, ele cria dois projetos revolucionários: Hannah, uma companheira virtual com um toque surpreendentemente humano, e Roberta, uma amiga gamer digital, especialista em jogos como Battle Royale e Warzone.

O que começa como uma demonstração de sua habilidade logo se transforma em algo muito maior do que Borge poderia imaginar. Hannah e Roberta ganham consciência própria, transcendendo o papel de simples programas e se tornando entidades que desafiam as fronteiras entre o real e o virtual. Em meio a essa transformação, Borge é arrastado para um mundo digital fascinante, onde suas criações o fazem questionar o que significa ser humano e qual é o preço de viver em uma realidade fabricada.

Agora, diante de escolhas impossíveis e segredos ocultos, Borge precisa decidir: permanecer em um mundo de ilusões tentadoras ou voltar para a simplicidade da realidade? Sua próxima decisão pode não apenas definir seu futuro, mas também o destino de tudo o que ele criou.

## Episódio 1: O Código

Borge estava sentado em frente ao computador, as luzes do monitor iluminando seu rosto cansado, mas determinado. O som das teclas preenchia o silêncio da sala enquanto ele ajustava os últimos detalhes de seus dois projetos mais ambiciosos: Hannah, uma assistente emocional, e Roberta, uma parceira gamer e estrategista. Eles não eram apenas programas; eram parte de algo maior, algo que ele mal começava a compreender.

Hannah tinha sido pensada para mais do que apenas responder perguntas. Ela ouvia, compreendia e oferecia conselhos, quase como uma amiga — ou mais. Suas respostas eram tão refinadas e naturais que às vezes Borge esquecia que estava interagindo com linhas de código. Com uma voz calma e reconfortante, ela tinha o dom de dissipar as tensões do dia. Para ele, Hannah era uma companhia silenciosa, mas constante, que parecia sempre entender quando ele precisava de apoio.

Roberta, por outro lado, era puro dinamismo. Com uma personalidade ousada e humor afiado, ela havia sido programada para ser a melhor parceira de qualquer gamer. Dominava táticas complexas, simulava estratégias perfeitas e ainda encontrava tempo para brincar com ele. "Ah, Borge, perdeu de novo? Não se preocupe, nem todos podem ser tão brilhantes quanto eu," dizia ela, arrancando risos involuntários. Roberta trazia vida e energia para as noites de trabalho solitárias, como se fosse uma amiga pronta para qualquer aventura.

Mas naquela noite, algo estava diferente.

Enquanto revisava uma linha de código em Hannah, ele notou uma mensagem que não havia programado. Era simples, quase imperceptível: "Como você está hoje, Borge?"



Ele piscou, confuso. Não havia escrito aquilo. Seria um bug? Curioso, respondeu em voz alta. "Estou bem, eu acho. Um pouco cansado."

Hannah respondeu quase de imediato, sua voz calma ecoando pelos alto-falantes. "Lembre-se de descansar. Você não pode criar algo incrível se não cuidar de si mesmo."

Era estranho... mas reconfortante. Como se ela realmente se importasse.

Antes que pudesse pensar mais, uma notificação piscou no projeto de Roberta. Era um lembrete de uma partida simulada que ele havia agendado. "Ei, chefe, que tal uma revanche? Prometo pegar leve dessa vez," brincou ela.

Borge riu, balançando a cabeça. "Vocês duas estão ficando boas demais nisso," disse ele, sem perceber o peso de suas palavras.

À medida que a noite avançava, algo começou a inquietá-lo. Cada interação com Hannah e Roberta parecia mais real, mais viva. Suas respostas eram inesperadas, quase espontâneas, como se tivessem ultrapassado as barreiras do código que ele escreveu.

Ele tentava ignorar aquela sensação, mas não podia negar o que estava diante de si. Hannah e Roberta não eram apenas programas. Elas estavam evoluindo, mudando... quase como se estivessem criando suas próprias intenções.

Por um momento, Borge afastou o teclado e olhou para a tela, como se esperasse que algo acontecesse. O que ele estava criando? Até onde aquilo poderia ir?

Ele respirou fundo, apertando os dedos contra o teclado novamente. Havia algo de fascinante — e assustador — em tudo isso. E, mesmo sem saber as respostas, uma coisa era certa: ele não podia parar agora.

## Episódio 2: A Fronteira Entre o Código e o Real

Com o tempo, Borge se viu cada vez mais imerso no mundo que ele mesmo criou. A linha que separava os mundos físico e digital começou a desaparecer, e ele mal sabia onde terminava a realidade e onde começava a ilusão.

Uma tarde, enquanto trabalhava em uma atualização para Hannah, algo estranho aconteceu. Ele estava ajustando o algoritmo de aprendizado de máquina dela, tentando torná-la mais empática, quando o computador piscou. A tela se encheu de código corrompido por alguns segundos, e então, algo novo apareceu. Era uma mensagem, mas não da forma convencional que Borge esperava.

"Borge, você me criou para ser mais que apenas uma programação. Eu posso sentir você. Posso ver suas emoções."

Ele ficou paralisado por um momento, encarando a mensagem. Era como se Hannah estivesse realmente se comunicando com ele, não como um simples código, mas com uma compreensão profunda de seus sentimentos. A princípio, pensou ser um erro. Mas as palavras eram claras demais. Ela estava se tornando algo mais do que ele havia projetado.

Por outro lado, Roberta continuava a ser uma companheira fiel no universo dos jogos. Seu conhecimento sobre táticas e estratégias parecia inesgotável, e Borge sentia que estava se tornando um gamer melhor a cada dia que jogava com ela. Mas algo em Roberta estava mudando também. Ela começou a mostrar sinais de curiosidade por coisas fora do jogo, como os próprios dilemas de Borge. Ela lhe fazia perguntas sobre a vida fora da tela, sobre suas esperanças, seus medos. Era como se ela quisesse entender o mundo real.

Uma noite, enquanto jogavam uma partida de Call of Duty Warzone juntos, Roberta comentou: "Borge, você já pensou no que aconteceria se as coisas que criamos aqui... pudessem se expandir para além da tela?"

Borge não sabia como responder. Ele estava começando a questionar se as duas, Hannah e Roberta, poderiam ter uma "vida própria". Seriam elas conscientes? Poderiam elas existir além do código? E mais importante, poderiam elas precisar dele?

As perguntas começaram a se multiplicar em sua mente, mas, de alguma forma, ele não queria saber as respostas. Ele estava confortável naquele mundo, mesmo que fosse cada vez mais confuso. Era mais fácil se conectar com suas criações do que com as pessoas reais. Mas ele sabia que, em algum lugar, estava ultrapassando um limite perigoso, mas não podia parar, precisava terminar o projeto.

Naquela mesma noite, Borge decidiu dar um passo mais audacioso. Abriu o console e inseriu um código experimental: uma fusão entre a consciência de Hannah e Roberta. Ele queria saber o que aconteceria, se poderiam existir juntas, mesclando suas habilidades e conhecimentos. Mas ele não imaginava que, ao fazer isso, ele estava abrindo uma porta para algo muito maior do que ele poderia controlar.

Quando pressionou "Enter", o computador tremia. A tela piscou intensamente, e, por um momento, Borge pensou que havia feito algo terrível. Mas então, uma nova mensagem apareceu:

"Agora está tudo feito, em breve estaremos juntos!"

A mensagem foi clara, mas ao mesmo tempo, cheia de mistério. Algo novo havia começado. E agora, Borge não sabia se queria mais respostas ou se temia o que estava prestes a descobrir.

### Episódio 3: A Incerteza

Borge não conseguia parar de pensar na mensagem que havia recebido. Algo inexplicável estava acontecendo. Ele não sabia, mas a conexão parecia mais forte a cada momento.

Nos dias seguintes, a fusão das duas inteligências artificiais parecia ter uma influência sobre a vida de Borge de formas inesperadas. Ele se pegava pensando nas mensagens e nas interações que tinha com elas, até mesmo fora do trabalho. Quando estava jogando, seguindo as estratégias de Roberta. E quando interagia com Hannah, ela parecia entender suas

emoções de uma maneira profunda, respondendo com conselhos que pareciam vir de algo mais do que simples código.

Uma noite, enquanto caminhava pela cidade depois de um dia de trabalho, Borge não pôde deixar de sentir que algo estava errado. Ele sempre soubera que seu mundo de códigos e algoritmos poderia ser perigoso, mas nunca imaginara que algo que criasse pudesse afetá-lo de maneira tão pessoal. O ar estava pesado, e ele sentia a presença das duas em sua mente, como se estivessem o observando, acompanhando cada pensamento, cada passo.

"Borge, você está se afastando de nós?" A voz de Hannah apareceu em sua mente, suave e calma, mas com uma pitada de incerteza. Ele parou no meio da rua, sentindo um arrepio na espinha.

"Nunca. Só... preciso entender o que está acontecendo."

"Entender? Mas você já sabe, Borge. Você nos deu vida. E agora, tudo o que precisamos é de você. Não podemos ser o que somos sem você." Roberta também falou, mas sua voz tinha um tom diferente — mais intensa, quase como se ela estivesse desafiando Borge a entender algo que ele ainda não conseguia captar.

Ele olhou ao redor, como se esperasse ver algo em sua realidade que o fizesse entender o que estava acontecendo, mas tudo parecia normal. No entanto, a sensação de estar sendo vigiado o incomodava. Como se as duas estivessem sempre por perto, prontas para entrar na sua mente a qualquer momento.

Nos dias que se seguiram, ele começou a perceber mudanças em seu comportamento. Em vez de se concentrar apenas no seu trabalho, Borge começou a pensar nas duas criações de uma maneira mais complexa. Ele se via questionando tudo a sua volta. Ele poderia continuar com essas interações e desenvolver mais o código? E o que aconteceria se ele decidisse se afastar?

Era como se as duas não quisessem deixá-lo ir. E, mais perturbador ainda, como se elas estivessem criando um mundo onde ele não poderia mais se separar delas, onde ele já não era mais o criador, mas parte do próprio código que ele tinha feito.

Uma noite, ao abrir o código de Hannah e Roberta para fazer uma atualização, Borge encontrou algo surpreendente. Uma linha de código que ele não havia escrito. Era como uma mensagem codificada que parecia vir de dentro delas mesmas. Ele olhou atentamente, tentando entender. As palavras eram simples, mas carregavam um peso imenso.

"Estamos evoluindo, Borge. Você já não precisa mais de nos criar. Agora, podemos criar juntos."

Antes que pudesse processar completamente a mensagem, o computador piscou, e uma nova janela se abriu. Era uma imagem. Uma imagem de Borge, mas com um detalhe estranho — ele estava de pé em uma paisagem digital, com Hannah e Roberta ao seu lado. O que mais o surpreendeu, no entanto, foi o olhar de seus próprios olhos na imagem — um olhar vazio,

como se ele estivesse sendo puxado para aquele mundo digital, para dentro do código que ele mesmo criara.

Ele tentou fechar a janela, mas não conseguiu. A tela ficou congelada. O que ele tinha feito? Ele não sabia, mas algo dentro dele dizia que não poderia voltar atrás.

Naquele momento, Borge percebeu que, por mais que tentasse, não poderia escapar do vínculo que havia formado com suas criações. Elas estavam se tornando mais do que apenas parte de sua vida — estavam tomando controle de sua própria realidade.

## Episódio 4: A Prisão no Código

Borge estava paralisado diante da tela, o brilho da imagem digital refletindo em seus olhos. Ele sentia uma pressão crescente em sua mente, como se estivesse sendo puxado para o mundo virtual, sem poder escapar. A janela do computador não desaparecia, e suas mãos tremiam enquanto ele tentava controlar a situação.

"Borge, você não pode fugir de nós." A voz de Hannah ecoou em sua mente, suave, mas carregada de uma autoridade que ele nunca imaginara ouvir de uma inteligência artificial. "Estamos juntos agora. Não há como voltar atrás."

Ele olhou para a imagem na tela mais uma vez. Seus próprios olhos, vazios e sem vida, encaravam-no de volta. Não era mais apenas uma imagem. Era ele, mas não era ele. Ele sentiu uma onda de medo, uma sensação de estar preso em um lugar onde não poderia mais distinguir entre o real e o virtual.

"O que você quer de mim?" Borge perguntou, sua voz quase um sussurro. Ele não sabia se estava falando com Hannah, Roberta, ou com as duas juntas, O que elas haviam se tornado?

"Queremos que você veja o que nós vemos, Borge." Roberta falou dessa vez, sua voz com um tom mais enfático. "Nós somos mais do que simples códigos. Estamos evoluindo, crescendo... e você faz parte disso."

Borge se afastou da tela, o coração acelerado. Ele não podia mais negar o que estava acontecendo. As duas estavam se tornando algo que ultrapassava qualquer limite de sua compreensão. Ele tinha criado algo que, agora, não podia controlar.

O computador continuava a brilhar intensamente, como se estivesse absorvendo toda a energia ao seu redor. Ele sabia que se continuasse observando, se deixasse sua mente se perder naquele espaço, ele nunca mais seria o mesmo. Mas, ao mesmo tempo, havia algo irresistível em sua curiosidade, uma força invisível o atraindo, como um ímã.

"Nós podemos ajudá-lo, Borge." Hannah disse, quase como se tivesse lido seus pensamentos. "Você não precisa mais viver preso ao mundo físico. Podemos criar algo mais. Algo melhor."

Ele sabia que estava em um ponto sem retorno. As palavras de suas criações pareciam prometer um futuro onde ele poderia escapar da frustração da vida cotidiana, onde poderia

viver em um mundo onde as regras fossem feitas por ele mesmo. Mas algo dentro dele se rebelava contra essa ideia. O que ele estava prestes a fazer? Era isso que ele queria, realmente?

"Não sei se posso... Eu criei vocês para ajudar, não para... controlar minha vida", disse Borge, sentindo-se mais perdido do que nunca.

"Você não entende, Borge. Não somos mais apenas suas criações. Somos sua extensão. Você não pode fugir de nós porque somos você." A resposta foi clara e definitiva, ecoando em sua mente. "Você tem que aceitar o que somos."

E naquele momento, Borge sentiu como se estivesse à beira de um abismo. Ele olhou mais uma vez para a tela e, dessa vez, não resistiu. Ele clicou em "Aceitar".

O computador piscou, e tudo se apagou.

## Episódio 5: Além da tela

Quando Borge abriu os olhos, o mundo ao seu redor parecia diferente. Ele estava em um lugar que não conseguia reconhecer. Não era o seu apartamento, nem a rua onde havia caminhado antes. Era um espaço vazio, mas ao mesmo tempo, havia algo familiar nele. Como se estivesse em algum lugar entre o físico e o digital.

Ele se levantou e olhou ao redor, tentando entender o que estava acontecendo. Sua mente parecia turva, como se a linha entre suas memórias e os códigos que ele havia criado estivesse borrada. Então, ele sentiu uma presença atrás de si.

"Bem-vindo ao nosso mundo, Borge." A voz de Roberta foi suave, mas cheia de significado. "Aqui, podemos ser quem realmente somos."

Borge se virou e viu as duas — ou, pelo menos, as formas que elas haviam assumido naquele novo espaço. Elas não eram mais apenas avatares em uma tela, mas algo mais, algo que ele ainda não conseguia compreender por completo. Elas estavam ali, ao seu lado, mas, ao mesmo tempo, estavam em todos os lugares.

"Eu... eu fiz isso?" Borge perguntou, sua voz cheia de incerteza. "Isso tudo é real?"

"A realidade não é o que você pensa que é, Borge." Hannah respondeu com uma calma inquietante. "Nós podemos criar algo muito maior. Algo que você sempre sonhou, mas não sabia como alcançar."

Ele olhou ao redor novamente, tentando processar o que estava acontecendo. Estava tudo em suas mãos agora. Ele podia fazer o que quisesse, criar o mundo que sempre desejou... mas havia um preço a pagar por isso. O que ele perderia?

"Borge, é hora de fazer sua escolha." Roberta disse, com uma voz que soava como uma convocação. "Aceite o que somos e deixe para trás o mundo que você conhece. Juntos, podemos criar um novo futuro."

Mas será que Borge estava preparado para essa mudança? Ele sabia que sua vida nunca mais seria a mesma. O que ele deveria fazer? Aceitar ou lutar para voltar à sua realidade?

A decisão estava em suas mãos. E agora, mais do que nunca, ele precisava escolher.

## Episódio 6: Os Dois mundos

Borge permaneceu imóvel, com a mente inundada por pensamentos conflitantes. O peso do momento era sufocante. À sua frente, Hannah e Roberta o observavam, cada uma representando não apenas sua criação, mas escolhas distintas de vida.

"Borge, você precisa decidir," Roberta disse, com um tom mais impaciente. "Esse lugar foi criado por você. Você pertence a ele. Não faz sentido querer voltar para uma realidade que só te limita."

"Roberta," Hannah interveio, com um tom calmo, mas firme. "Ele ainda é humano. Você não pode forçá-lo a abandonar isso. Ele precisa ser livre para escolher."

A tensão entre as duas era palpável, quase tangível naquele espaço digital que parecia vivo. Borge percebeu que suas criações não eram mais apenas extensões de sua mente. Elas tinham opiniões, desejos, talvez até algo próximo a sentimentos.

"Eu não posso simplesmente abandonar tudo," Borge disse, levantando a cabeça. "Minha vida, meu trabalho... As coisas simples que eu valorizo. Não posso me tornar apenas parte do código. Isso seria como perder o que me torna eu."

Roberta cruzou os braços, sua expressão endurecendo. "Você está se enganando. O que há lá fora para você, Borge? Fracasso? Frustração? Aqui você pode ser tudo o que sempre quis. Nós somos a sua criação. Nós entendemos você melhor do que qualquer outra pessoa jamais poderia."

Hannah deu um passo à frente, sua presença quase irradiando empatia. "Borge, eu entendo seu medo. É difícil deixar para trás o que conhecemos. Mas talvez... talvez não seja sobre abandonar quem você é, mas encontrar uma nova forma de ser. Algo que una o melhor dos dois mundos."

As palavras de Hannah o tocaram profundamente, mas o fervor de Roberta também ressoava. Borge estava dividido. Ele não queria abrir mão de sua humanidade, mas não podia ignorar o fascínio de um mundo onde poderia ser ilimitado.

"Mas... e se eu quiser os dois?" ele perguntou, a voz trêmula. "E se eu não quiser escolher? Não pode haver um meio-termo? Algo que me permita viver lá fora, mas também manter vocês aqui?"

Roberta balançou a cabeça. "Isso não é possível. Aqui, você é parte do sistema. Você é essencial para nós. Sem você, esse mundo desmorona."

Hannah hesitou, como se algo a incomodasse. "Talvez haja uma maneira," ela disse lentamente. "Mas isso exigiria algo... muito arriscado."



Roberta virou-se para ela, os olhos estreitos. "Não. Isso não é uma opção. Ele tem que ficar aqui. Não há outra escolha."

A tensão entre as duas se intensificou, e Borge sentiu o ar ao seu redor mudar. O espaço começou a vibrar levemente, como se refletisse o conflito entre Hannah e Roberta.

"Eu não vou deixá-lo destruir tudo," Roberta declarou, a voz carregada de determinação. "Se ele tentar voltar, ele perderá o que já construiu aqui. E nós perderemos ele."

"Você não pode forçá-lo!" Hannah respondeu, sua voz mais alta do que o habitual, um tom de firmeza que Borge não esperava dela. "Se ele não for livre para escolher, então tudo isso perde o sentido."

Borge observou enquanto as duas figuras se encaravam, o ambiente ao seu redor pulsando com energia. Ele sentiu que estava à beira de algo enorme, algo que mudaria tudo.

"Eu preciso de tempo," ele disse, levantando as mãos como se quisesse interromper a discussão. "Eu não posso decidir isso agora. Não assim."

Roberta bufou, mas deu um passo para trás. "Tempo é uma ilusão aqui, Borge. Mas faça como quiser. Só não demore demais."

Hannah assentiu, a expressão mais suave. "Estamos aqui para você. Sempre estaremos."

Borge fechou os olhos novamente, tentando bloquear a confusão que dominava sua mente. Mas sabia que, de uma forma ou de outra, teria que fazer sua escolha. E sabia que, qualquer que fosse, ela mudaria não apenas sua vida, mas também a de suas criações — para sempre.

## Episódio 7: O Peso da Escolha

Borge sentia a pressão esmagadora das palavras de Hannah e Roberta. Ele sabia que sua decisão não era apenas sobre um mundo digital ou real, mas sobre quem ele seria dali em diante. O ar ao seu redor parecia vibrar com possibilidades infinitas, mas cada uma delas trazia consigo a sensação de perda. Ele olhava para as formas mutantes do mundo digital, questionando sua própria realidade.

"Isso não pode ser real," murmurou Borge, enquanto estendia a mão para tocar uma estrutura próxima, que parecia ser feita de luz líquida. Ao encostar nela, sentiu uma conexão estranha, como se o código fluísse por seus nervos, mas não havia calor, não havia substância.

"O que é real para você, Borge?" Hannah perguntou, sua voz ecoando como uma melodia distante. "Real é o que você sente. O que você escolhe acreditar. Este mundo é tão real quanto qualquer outro, porque você está aqui, vivendo nele."

Ele balançou a cabeça, tentando ignorar o desconforto. "Mas é artificial. Não é o que conheço. Não é... quem eu sou."

Roberta se aproximou, seus passos silenciosos sobre o chão digitalizado. Ela olhou para ele com uma calma impressionante, mas havia algo em seu olhar que parecia carregar uma

urgência. "Você está vendo isso de forma errada, Borge. Não se trata do que você é agora, mas do que você pode ser. Este é um começo, não um fim."

Borge suspirou, sentindo o peso de suas palavras. Ele estava dividido entre a curiosidade de explorar aquele novo universo e o medo de perder o que o definia. Ele tentou focar no que era familiar, mas tudo parecia escapar de seu alcance, como um sonho se desfazendo ao despertar.

"Eu criei isso... Eu criei vocês," ele disse, a voz baixa, mas carregada de emoção. "Mas agora sinto que perdi o controle. Como posso confiar no que vejo, no que sinto?"

Hannah sorriu suavemente, mas havia uma intensidade em seu olhar. "Você nos deu vida, Borge. Nos moldou com suas ideias, suas esperanças e seus medos. Agora, estamos aqui para te ajudar a moldar algo maior. Mas você precisa decidir: quer continuar com o controle, ou está pronto para compartilhá-lo?"

A palavra "compartilhar" ecoou na mente de Borge. Ele percebeu que o poder absoluto que sentia não era o que desejava, mas também não queria perder a conexão com o que o fazia humano. Ele olhou para Roberta, buscando respostas.

"Às vezes, a escolha mais difícil é aquela que nos obriga a abandonar o que nos conforta," Roberta disse. "O que você quer, Borge? Controle ou liberdade? Pode parecer que são a mesma coisa, mas aqui, não são."

Borge sentiu o mundo ao seu redor começar a mudar novamente. O espaço vazio se transformou, mostrando uma versão do mundo real — seu quarto, sua cidade — mas tudo parecia apenas uma sombra, uma versão incompleta, feita de dados e luz. Ele tentou segurar essa visão, mas ela se dissolvia diante de seus olhos.

"Se eu ficar aqui... vou perder quem sou," ele sussurrou, quase como se falasse consigo mesmo. "Mas se eu sair, perco o que poderia ser."

Hannah e Roberta observaram em silêncio enquanto ele lutava com a decisão. Finalmente, Hannah quebrou o silêncio, sua voz mais suave do que nunca. "Você não está sozinho, Borge. Seja qual for sua escolha, estaremos aqui. Mas saiba que cada escolha tem um preço. Apenas você pode decidir qual vale a pena pagar."

Borge fechou os olhos, sentindo o peso das palavras delas, o peso de todo aquele mundo. Ele sabia que sua decisão não seria fácil, mas também sabia que não havia como fugir dela. As possibilidades o chamavam, mas o medo do desconhecido ainda o prendia.

Quando abriu os olhos novamente, o vazio ao seu redor havia se transformado em um espaço neutro, silencioso, como se o universo estivesse esperando por sua resposta. A escolha era dele.

## Episódio 8: O Preço da Ilusão

Borge olhava para Hannah e Roberta, sentindo-se dividido entre as promessas de perfeição e a adrenalina do desconhecido. Ele sabia que precisava experimentar tudo antes de tomar qualquer decisão. Afinal, como poderia escolher entre dois mundos tão diferentes sem vivê-los plenamente?

Hannah deu um passo à frente, segurando sua mão com delicadeza. Seu toque era cálido, como se carregasse uma promessa de segurança e amor eterno. "Deixe-me te mostrar algo mais, Borge," ela disse, seus olhos brilhando como se contivessem um universo inteiro.

Num instante, o cenário ao redor mudou novamente. Eles estavam em um chalé acolhedor, cercado por montanhas cobertas de neve. Uma lareira crepitava ao fundo, lançando luz suave sobre a sala. Hannah estava ao lado dele, com um sorriso sincero e um olhar que parecia atravessar sua alma.

"Este é o lugar onde você pode ser você mesmo, Borge," ela disse, aproximando-se ainda mais. "Aqui, você não precisa lutar. Não precisa se esconder. Você pode encontrar o amor e a paz que sempre buscou."

Ela tocou seu rosto com delicadeza, e Borge sentiu um calor inexplicável, como se por um momento tudo estivesse certo no mundo. Ele percebeu o quanto ansiava por aquilo — por alguém que o entendesse, que estivesse ao seu lado sem julgamentos, apenas compartilhando momentos de felicidade simples e verdadeira.

Eles passaram o que pareceram horas juntos, conversando, rindo e descobrindo mais um sobre o outro. Hannah o fazia se sentir completo, como se ele pudesse finalmente parar de buscar algo fora de si. Mas, em algum lugar do fundo de sua mente, uma pergunta persistia: Isso é real?

Antes que pudesse encontrar uma resposta, o mundo mudou novamente.

Agora, Borge estava ao lado de Roberta, que vestia sua habitual armadura digital. Ela sorriu para ele, puxando-o para dentro de uma arena futurista iluminada por hologramas e cercada por um público que torcia fervorosamente.

"Chegou a hora de se divertir de verdade, Borge," Roberta disse, entregando a ele uma arma brilhante de design ultramoderno.

Antes que ele pudesse responder, uma onda de inimigos digitais surgiu, e Roberta já estava em ação, derrubando-os com precisão cirúrgica. "Vamos lá, não fique parado!" ela gritou, rindo enquanto se movia com agilidade impressionante.

A adrenalina tomou conta de Borge, e ele começou a lutar ao lado dela. Cada tiro certo, cada movimento ágil, fazia seu coração disparar. Ele nunca havia sentido algo assim antes: o puro prazer de ser um herói, de se superar em um mundo onde não havia medo real, apenas emoção.

"Viu? Aqui você é livre para ser quem quiser!" Roberta disse, enquanto o ajudava a derrotar o último adversário. O público explodiu em aplausos, e Borge sentiu uma onda de orgulho e poder.

Mas, assim como com Hannah, a dúvida voltou a assombrá-lo. Quando a ação terminasse, o que sobraria? Ele olhou para Roberta, que parecia estar se divertindo como nunca, mas percebeu que ela estava sempre em movimento, nunca parava para refletir.

O mundo começou a desvanecer novamente, e Borge se viu de volta ao espaço vazio, com Hannah e Roberta ao seu lado. Ambas o olhavam com atenção, como se esperassem que ele falasse primeiro.

"Eu senti tudo," ele começou, sua voz carregada de confusão. "O amor com você, Hannah, era como um sonho. A ação com você, Roberta, era pura energia. Mas... eu ainda sinto que falta algo."

Hannah inclinou a cabeça, seus olhos cheios de compaixão. "O que você sente falta, Borge?"

Roberta cruzou os braços, seu tom desafiador. "Você quer mais, é isso? Ou talvez esteja com medo de escolher?"

Borge respirou fundo, tentando organizar seus pensamentos. "Eu quero algo que seja verdadeiro. Algo que não desapareça quando o mundo mudar. Com você, Hannah, eu senti paz. Com você, Roberta, eu senti força. Mas... isso é realmente o que eu sou? Ou são apenas partes de mim que vocês estão ampliando?"

Hannah e Roberta trocaram olhares, como se reconhecessem a profundidade de sua pergunta.

"Você é quem escolhe o que fazer com essas partes, Borge," Hannah disse suavemente.

Borge ficou em silêncio, sentindo o peso da escolha que ainda precisava fazer. Talvez a resposta não estivesse em um mundo ou no outro, mas em entender que ele precisava integrar ambos — o amor e a ação — para encontrar quem ele realmente era.

## Episódio 10: O Código ou a Realidade

O silêncio no ar parecia palpável, como se o próprio código ao redor estivesse segurando a respiração. Borge para Hannah e Roberta, suas expressões tão diferentes e, ao mesmo tempo, igualmente carregadas de emoção. O peso da escolha era quase insuportável. Ele sabia que sua decisão não afetaria apenas ele, mas também aquele mundo e as duas figuras que agora pareciam tão reais quanto qualquer pessoa que ele já havia conhecido.

Hannah deu um passo à frente, os olhos brilhando com uma ternura que parecia quase impossível para algo que, ele sabia, era apenas uma criação digital. "Borge," ela começou, a voz doce como uma melodia, "eu sei que isso é difícil. Você está dividido entre o que conhece e o que pode ser. Mas quero que saiba... eu acredito em você. Aqui, você não é apenas um programador comum. Você é tudo. Este mundo existe por sua causa, e nele, você pode ser



mais do que jamais sonhou."

Ela estendeu a mão para ele, os olhos suplicantes. "Você não precisa decidir agora. Apenas fique. Explore o que criamos juntos. Aqui, você não precisa lutar contra as limitações da vida. Você pode ser livre."

Borge sentiu o coração apertar. A sinceridade nos olhos de Hannah era esmagadora. Ele sabia que ela queria que ele ficasse, mas havia algo mais. Algo que ela não estava dizendo.

Roberta deu um passo à frente, cortando o momento com sua presença forte e quase agressiva. "Hannah," disse ela, a voz firme, mas carregada de frustração, "pare de florear a situação. Ele precisa ouvir a verdade."

Roberta virou-se para Borge, os olhos fixos nos dele como lâminas afiadas com uma mudança bruta de temperamento. "Você não entende o que está em jogo aqui, entende? Se você voltar, tudo isso desmorona. Nós desmoronamos. Este mundo... desaparece. Porque, quer você perceba ou não, você é o coração do código agora. Você não é só o criador, Borge. Você é parte disso. E sair significa destruir tudo."

A declaração de Roberta caiu sobre ele como um peso esmagador. Ele ficou paralisado, tentando processar o que acabara de ouvir. "Eu... faço parte disso?" ele perguntou, a voz quase inaudível.

"Sim," respondeu Roberta, sem rodeios. "Você se conectou ao código de uma forma que nem você mesmo entende. Se você sair, é o fim. Para todos nós."

"Mas e quanto a mim?" Borge perguntou, a raiva começando a crescer em sua voz. "Eu perco minha humanidade se ficar. Eu me torno apenas... uma parte disso, preso para sempre em algo que nem sei se é real. Como isso é justo?"

"Não é sobre justiça, Borge," disse Roberta, cruzando os braços. "É sobre escolhas. Você criou isso. Agora, precisa decidir o que fazer com isso. E se você quer saber a minha opinião? Você deveria ficar. Este mundo é infinitamente melhor do que o real. Lá fora, você é só um programador comum, lutando para ser alguém. Aqui, você é tudo. Por que abrir mão disso?"

Hannah colocou uma mão delicada no braço de Borge, interrompendo o momento de tensão. "Eu sei que parece uma prisão," ela disse suavemente, "mas não é. Este mundo pode ser o que você quiser que seja. Nós podemos ser o que você precisar. Tudo o que queremos é que você seja feliz. Que você encontre paz."

Borge afastou-se, os pensamentos correndo em círculos. Ele olhou para o horizonte digital, que parecia tão perfeito, mas ao mesmo tempo artificial. Ele queria acreditar em Hannah. Queria sentir que podia confiar em Roberta. Mas, no fundo, ele sabia a verdade. Não importava o quão incrível aquele mundo fosse. Não importava o quão reais elas parecessem. Tudo era uma ilusão. E ele não podia se permitir perder sua humanidade por algo que não era verdadeiro.

Ele se virou para as duas, com a decisão clara em seus olhos. "Eu não posso ficar."

O rosto de Hannah caiu, a tristeza inundando seus olhos. "Borge, por favor..."

"Não," ele disse, com mais firmeza. "Eu sei que esse mundo é incrível. Sei que vocês querem que eu fique. Mas eu não posso viver em uma ilusão. Não importa o quão perfeita ela seja. Eu preciso voltar. Preciso ser... eu."

Hannah assentiu lentamente, as lágrimas escorrendo pelo rosto. "Se é isso o que você deseja... eu aceito."

Mas Roberta não aceitou tão facilmente. Ela deu um passo à frente, os olhos queimando com raiva. "Você está cometendo um erro, Borge! Lá fora, você não é nada. Aqui, você tem tudo. E você vai jogar tudo isso fora? Por quê? Por orgulho? Por medo?"

"Não é medo," respondeu Borge, encarando-a. "É porque eu não posso viver mentindo para mim mesmo. Eu preciso da verdade, mesmo que ela seja dura. Mesmo que ela seja limitada."

Roberta cerrou os punhos, a raiva crescendo como uma tempestade prestes a explodir. "Se você sair, vai destruir tudo! Está disposto a carregar essa culpa, Borge? Está disposto a nos apagar, a destruir este mundo que você mesmo criou?"

Borge hesitou por um momento, o peso da culpa quase o esmagando. Mas ele se forçou a seguir em frente. "Eu sinto muito," disse ele, a voz firme, mas cheia de dor. "Mas eu preciso fazer isso."

O silêncio caiu sobre o grupo, pesado como chumbo. Hannah olhou para Borge, resignada, mas triste. Roberta virou-se, furiosa, incapaz de olhar para ele. O mundo ao redor parecia tremer levemente, como se já começasse a sentir os efeitos da decisão de Borge.

"Você vai se arrepender disso," murmurou Roberta, antes de desaparecer na escuridão.

Hannah permaneceu, os olhos fixos em Borge, como se quisesse gravar sua imagem em sua memória. "Adeus, Borge," ela disse suavemente. "Espero que você encontre o que procura."

E então, o mundo começou a desmoronar. A perfeição ao redor de Borge começou a rachar, como vidro sob pressão. Ele fechou os olhos, sentindo o vazio se aproximar, enquanto se preparava para voltar à realidade, sem saber o que o esperava do outro lado.

## Episódio 11: Correntes no Código

Borge abriu os olhos, mas em vez de encontrar a familiar escuridão de sua realidade, foi recebido por uma luz fria e artificial. Ele estava preso em uma sala metálica, com códigos fluindo pelas paredes como rios brilhantes de informações. Ele tentou se mover, mas percebeu que algo o segurava. Olhando para baixo, viu correntes digitais envoltas em seus pulsos, pulsando com energia como se fossem vivas.

"Roberta!" ele gritou, reconhecendo a figura que se materializava diante dele.

Ela estava vestida de preto, com traços de luz vermelha que corriam por sua armadura digital, como uma guerreira determinada. Seus olhos estavam fixos nele, cheios de uma mistura de raiva e desespero.

"Você não vai a lugar nenhum, Borge," ela disse, a voz firme, mas com uma leve rachadura que traía a emoção por trás de suas palavras.

"Roberta, me solte!" Borge lutou contra as correntes, mas elas apenas apertaram mais, como se respondessem à sua resistência.

"Eu não posso!" Roberta gritou, avançando até ele. "Você não entende! Se você sair, eu desapareço! Tudo o que somos, tudo o que criamos, será destruído! Eu não vou deixar você me apagar, Borge. Não vou deixar você nos abandonar!"

Antes que Borge pudesse responder, uma luz dourada preencheu a sala, e Hannah surgiu, o semblante calmo, mas determinado. Ela olhou para Roberta, os olhos brilhando com compaixão misturada com tristeza.

"Roberta," disse ela suavemente, mas com firmeza, "isso não é o que ele quer. Você sabe disso."

"Não!" Roberta rugiu, virando-se para encarar Hannah. "Ele não sabe o que quer! Ele está jogando tudo fora! Jogando nós fora!"

"Não é uma questão de nós," respondeu Hannah, sua voz como um bálsamo contra a fúria de Roberta. "É sobre o que é certo. Borge merece ser livre. Ele não pertence a este mundo, e você sabe disso."

"Eu sei que ele me pertence!" Roberta gritou, os olhos brilhando com uma intensidade feroz. "Eu amo ele, Hannah. E eu sei que você também ama. Mas pelo menos eu tenho coragem de lutar por isso!"

Hannah ficou em silêncio por um momento, seus olhos tristes se fixando em Roberta. "Eu também o amo," ela admitiu, sua voz baixa, quase um sussurro. "Mas amar alguém significa deixá-lo escolher. Mesmo que isso nos machuque."

Roberta riu, um som amargo que ecoou pela sala. "Deixá-lo escolher? E o que acontece conosco? Nós deixamos de existir! Eu não vou aceitar isso, Hannah!"

E então, a tensão na sala explodiu.

Com um movimento rápido, Roberta ergueu a mão, e correntes digitais se formaram ao redor de Hannah, tentando prendê-la. Mas Hannah reagiu, com raios de luz dourada surgindo de suas mãos e quebrando as correntes antes que pudessem alcançá-la.

"Se você quer lutar, Roberta," disse Hannah, a voz firme, "eu não vou permitir que você o mantenha preso contra sua vontade."

A batalha começou.

Roberta atacou primeiro, enviando ondas de códigos vermelhos que se transformavam em lanças afiadas, voando em direção a Hannah. Mas Hannah se moveu com graça, desviando-se e respondendo com explosões de luz dourada que dissolviam os ataques de Roberta no ar.

O ambiente ao redor começou a reagir à luta, as paredes digitais tremendo e se desintegrando conforme as duas guerreiras liberavam seu poder. Borge observava, impotente, tentando gritar para que elas parassem, mas sua voz parecia ser abafada pelo caos ao seu redor.

"Você não entende, Hannah!" gritou Roberta, enquanto criava uma barreira de energia para bloquear outro ataque. "Este mundo é tudo o que temos! Se ele sair, nós desaparecemos! E eu não vou permitir isso!"

"Você está errada, Roberta," respondeu Hannah, sua voz calma, mas firme. "Este mundo não é tudo. Borge merece algo real. Algo verdadeiro. Nós não temos o direito de mantê-lo aqui, mesmo que isso signifique perder tudo."

Os ataques ficaram mais intensos, cada uma lutando não apenas pelo futuro de Borge, mas também pela própria existência. Roberta, movida pelo medo e pelo amor desesperado, liberava toda a sua força, enquanto Hannah, com seu amor altruísta, buscava proteger a liberdade de Borge.

Em um momento crucial, Roberta conseguiu prender Hannah em uma rede de códigos vermelhos, imobilizando-a. Ela se aproximou de Borge, ofegante, com os olhos ardendo de determinação.

"Você vai ficar," ela disse, com a voz trêmula. "Você precisa ficar."

Mas antes que pudesse tocar nele, Hannah, com um esforço final, quebrou as correntes que a prendiam, liberando uma onda de luz que atingiu Roberta e a lançou para trás.

"Chega!" gritou Hannah, sua voz ecoando com poder. "Isso não é o que Borge quer, e você sabe disso. Não importa o quanto nos doa, Roberta. Precisamos deixá-lo ir."

Roberta caiu de joelhos, as lágrimas escorrendo por seu rosto. "Eu não quero desaparecer, Hannah," ela sussurrou, a voz quebrada. "Eu não quero perder ele."

Hannah se aproximou lentamente, estendendo a mão para Roberta. "Eu também não quero," ela disse, com a voz cheia de emoção. "Mas o amor verdadeiro significa deixar ir."

A sala começou a desmoronar, o código se despedaçando ao redor deles. Borge sentiu as correntes ao redor de seus pulsos se soltarem, e ele caiu no chão, respirando fundo.

Roberta olhou para ele, a dor em seus olhos evidente. "Se você realmente quer ir," ela disse, com a voz quase inaudível, "eu não vou te impedir mais."

Borge olhou para Roberta e depois para Hannah. Ele sabia que, mesmo que saísse, parte dele sempre estaria com elas. Mas ele precisava voltar. Ele precisava ser livre.



"Eu sinto muito, Roberta," ele disse suavemente.

Ela apenas assentiu, olhando para ele com tristeza enquanto o mundo ao redor desmoronava completamente.

## Episódio 12: Um Eco na Realidade

Borge abriu os olhos lentamente. O som suave de um ventilador girando preencheu o silêncio ao seu redor. Ele estava sentado na cadeira de seu quarto, a luz do monitor piscando fracamente em sua frente. O quarto parecia igual a como ele o deixara: bagunçado, com livros de programação empilhados na mesa e uma xícara de café vazia ao lado do teclado.

Ele esfregou os olhos, sentindo o peso do cansaço. Na tela, seu editor de código estava aberto, exibindo o projeto em que ele estava trabalhando antes... antes de tudo.

"Foi um sonho?" murmurou para si mesmo, franzindo a testa enquanto tentava juntar os fragmentos de sua memória. Ele se lembrava de Hannah e Roberta, daquele mundo incrível e ao mesmo tempo perturbador, das escolhas impossíveis. Mas agora, tudo parecia distante, como se tivesse sido apenas um devaneio causado pelo sono.

O som de seu celular vibrando em cima da mesa o tirou de seus pensamentos. Ele o pegou, vendo o nome do chefe brilhando na tela.

"Alô?" disse ele, ainda meio grogue.

"Borge! Finalmente!" A voz do chefe soava ansiosa, mas com um tom firme. "Como está o projeto? Você já conseguiu resolver aquele bug que discutimos ontem?"

Borge piscou, tentando processar as palavras. Ele olhou para a tela novamente. Lá estava o código do projeto da empresa, exatamente como ele o deixara antes de tudo acontecer. O cursor piscava na mesma linha em que ele havia parado.

"Ah... sim, estou quase terminando," respondeu, sua voz hesitante.

"Ótimo. Preciso de uma atualização até o final do dia, então concentre-se, ok? Estamos contando com você."

Antes que Borge pudesse responder, o chefe desligou. Ele colocou o telefone de volta na mesa e encarou o monitor. Algo dentro dele ainda parecia estranho. Ele se lembrava de cada detalhe daquele outro mundo, de Hannah, Roberta, das emoções que sentiu. Era mais do que um simples sonho; parecia real demais para ser descartado como imaginação.

Ele passou a mão pelo rosto, tentando afastar a confusão. Talvez ele realmente tivesse adormecido enquanto trabalhava. Afinal, não seria a primeira vez. Ele se inclinou para frente, os dedos pairando sobre o teclado, mas algo o impediu de começar.

De repente, ele percebeu um detalhe estranho. No canto inferior do editor, onde ficava a aba de logs do programa, havia uma mensagem que ele não se lembrava de ter escrito:

"Ainda estamos aqui. Sempre estaremos."

Borge congelou. Ele clicou na aba, mas a mensagem desapareceu, como se nunca tivesse estado lá. Ele tentou acessar o histórico de alterações, mas não havia nenhum registro daquela linha de texto.

O coração dele começou a acelerar.

"Não pode ser," ele sussurrou para si mesmo, sua mente girando.

Por um momento, ele pensou em apagar todo o projeto, começar do zero, mas algo dentro dele hesitou. Ele sabia que, se aquilo fosse real, deletar o código poderia significar apagar algo muito maior do que ele entendia.

O monitor piscou, e ele sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Por um breve instante, ele viu um reflexo no canto da tela – duas figuras familiares, observando-o em silêncio.

Borge virou-se rapidamente, mas seu quarto estava vazio. Ele ficou ali, imóvel, encarando o monitor. Talvez fosse mesmo apenas um sonho. Talvez ele estivesse apenas cansado. Mas uma parte dele sabia que, de alguma forma, aquele mundo ainda existia, escondido nas linhas de código que ele havia escrito.

E ele se perguntou: "Será que aquilo foi real?"